



GT 17. Antropologias da paisagem

Coordenador(es):

Thiago Mota Cardoso (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Pedro Castelo Branco Silveira (Fundaj)

Sessão 1 - HABITAR PAISAGENS

Debatedor/a: Emmanuel Duarte Almada (UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais)

Sessão 2 - COSMOPOLÍTICA DAS PAISAGENS E MODOS DE RESISTÊNCIA

Debatedor/a: Rafael Palermo Buti (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Sessão 3 - PAISAGENS NO/DO ANTROPOCENO

Debatedor/a: Karine Lopes Narahara (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Paisagem é uma categoria que tradicionalmente ganhou pouco destaque nas discussões antropológicas, geralmente compreendida a partir de suas dimensões estéticas e representacionais, especialmente aquelas relacionadas ao campo visual. Recentemente, abordagens processuais das paisagens tem ganhado força a partir, por um lado, do questionamento das fronteiras entre natureza e cultura, com autores contemporâneos como Philippe Descola, Tim Ingold e Anna Tsing e, por outro lado, com abordagens que incluem a dimensão da ecologia política e do reconhecimento público de paisagens como patrimônio imaterial de povos e comunidades tradicionais. O GT discutirá as diversas possibilidades do uso do conceito de paisagem na antropologia, incluindo abordagens estéticas e processuais, dimensões visuais, sonoras ou táteis, e suas relações com outros conceitos antropológicos tais como território, terra, lugar, ambiente e patrimônio, e com os debates sobre o Antropoceno. São encorajadas experimentações etnográficas que se fazem em diálogos com outras disciplinas que se utilizam desta categoria, entre elas a geografia, a ecologia e as artes visuais.

Inventário Fantasma da Paisagem: Imagem-Ruína e a Estética do Luto pela Cidade no Recife Contemporâneo

Autoria: Fabiano Lucena de Araujo (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

A presente comunicação busca uma reflexão em torno das imagens engendradas por uma classe artística-intelectual atuante no Recife, em interlocução com os a(r)tivismos relacionados à agenda do Direito à Cidade, segundo a concepção de Henri Lefebvre, cuja aplicação insere-se numa posição estética-política que entrevê o espaço urbano público como festa ou obra de arte. Para além de uma evidência desta pauta proporcionada a partir de 2012 pela comunidade virtual Direitos Urbanos e o Movimento Ocupe Estelita, há uma tradição do pensamento crítico recifense preocupada com a manutenção de um caráter da cidade, nos termos freyreanos, que remonta ao início do século XX, em reação às intervenções urbanísticas, assumindo uma postura crítica da modernidade e o seu modelo resultante de progresso. Dialogando com uma herança crítica dos intelectuais inspirados em Gilberto Freyre e ultrapassando o Ocupe Estelita, o contexto contemporâneo da presente pesquisa de doutoramento realizou uma imersão no contexto das efervescentes ocupações do espaço público durante os anos de 2015-2018, as quais alcançaram um ápice no contexto pós-golpe/impeachment da presidente Dilma Rousseff. Esta tradição do pensamento crítico, relativa a um posicionamento de enfrentamento e defesa de uma identidade urbana, está inscrita num diagnóstico formulado por Jacques Rancière, o qual aventa que um regime estético-político predominante na



contemporaneidade caracteriza-se por um processo de luto e que converge numa melancolia de esquerda, segundo Enzo Traverso. As imagens geradas neste contexto tendem a ser uma paisagem das ruínas, representando uma alegoria da instabilidade moderna ou uma imagem-tempo, de acordo com Seligman-Silva ou Didi-Huberman. Estas imagens, que serão analisadas neste artigo, fazem parte de a) produções audiovisuais: *Aquarius* (2016) de Kleber Mendonça Filho, cineasta e organizador do Festival Internacional Janela de Cinema, b) de fotografias dos agitadores culturais promoventes de festas urbanas, Marília Benevides e Jota Nogueira, autores da festa-manifesto *Pérola Pulsante*, a qual propõe a ocupação itinerante de espaços subutilizados em áreas degradadas ou abandonadas da região central do Recife; alimentam também páginas públicas nas redes sociais dedicadas à festa ou aos projetos relacionados onde registram imagens da cidade com a mesma finalidade de dar visibilidade ao patrimônio material e imaterial (Jota Nogueira: *Antes que Suma/Só vê quem vai a pé* e Marília Benevides: *A Vida no Centro*) e c) obras de artistas visuais: especialmente, Bruna Rafaella Ferrer, autora do *Guia Comum do Centro do Recife*, livro que mobilizou um coletivo de artistas visuais em prol de um inventário de lugares e práticas afetivas em situação de abandono, ruínas simbólicas ou físicas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: